

A LINHAGEM DA UNIÃO

O Associativismo como Pai e o Cooperativismo como Filho

Por Aínor Francisco Lotério

O entendimento da cooperação humana exige um resgate histórico e doutrinário para compreender como as forças sociais se organizaram ao longo dos séculos. O associativismo e o cooperativismo compartilham uma mesma raiz existencial, sendo o primeiro o "pai" ou a "mãe" institucional do qual o segundo nasceu como um filho altamente especializado.

A seguir, a fundamentação histórica e bibliográfica, estruturada em tópicos, detalha essa linha do tempo e a importância da reconciliação entre esses dois modelos através de iniciativas locais como o projeto Sicoob Avança e o que essa trajetória exige das lideranças que hoje conduzem esse ecossistema.

1. O Primado do Associativismo: a Base de Sobrevivência e Defesa Coletiva

O associativismo nasceu primeiro na história. Sua origem remonta à necessidade humana de proteção mútua diante das adversidades econômicas, políticas e sociais. Era a descoberta de que a ação coletiva superava o isolamento: grupos de pessoas com interesses comuns uniam forças para defender direitos, buscar proteção mútua e representatividade.

Contexto histórico

O associativismo manifestou-se inicialmente nas corporações de ofício medievais (guildas), onde artesãos de um mesmo ofício — como mestres sapateiros ou ferreiros na Europa do século XII — se associavam para regulamentar a profissão, controlar os preços e evitar a concorrência desleal. Posteriormente, na Europa pré-industrial, surgiram as ligas de socorro mútuo (friendly societies), associações criadas por trabalhadores urbanos que pagavam pequenas taxas mensais para garantir um fundo comum que cobrisse despesas médicas, auxílio-doença ou custos de sepultamento de seus membros, numa época anterior à existência da previdência social pública. Com a Revolução Industrial e a consolidação do capitalismo moderno, essas estruturas evoluíram para as associações sem fins lucrativos, comerciais e industriais, criadas para unir a classe empresarial de uma determinada localidade ou setor em defesa de interesses tributários, jurídicos e de infraestrutura.

Fundamentação teórica

O sociólogo Robert Putnam, em sua obra clássica *Comunidade e Democracia: a Trajetória das Tradições Cívicas*, conceitua o associativismo como o motor gerador de "capital social". Ao estudar o desenvolvimento de diferentes regiões da Itália, Putnam demonstrou que as cidades do norte apresentavam maior desenvolvimento socioeconômico e eficiência governamental porque possuíam uma forte tradição secular de redes associativas — desde ligas de cidadãos e corais até clubes de

futebol e associações de bairro. Para o autor, essas redes de engajamento cívico criam laços horizontais de confiança e reciprocidade em uma comunidade, habituando os indivíduos a cooperar em benefício do bem comum. Sem o capital social gerado pelo associativismo, as engrenagens econômicas e as instituições políticas de um município travam devido à desconfiança mútua.

Escopo de atuação

O objetivo principal das associações — como a ASSEMIT (Associação Empresarial e Cultural de Itapiranga), em Itapiranga — reside na representatividade jurídica, na defesa de interesses de classe, na articulação política e no fomento do ambiente local de negócios. Na prática, esse tipo de entidade atua como um escudo e uma voz para o empresariado perante o poder público, pleiteando melhorias em infraestrutura urbana, desburocratização de alvarás e incentivos fiscais para o comércio local. Além disso, as associações promovem feiras comerciais, rodadas de negócios e campanhas de vendas unificadas, como as de datas comemorativas. Elas estruturam o ecossistema social e comercial, pavimentando o terreno para que as empresas cresçam, mas sem o objetivo de realizar, por si mesmas, atividades financeiras, concessão de crédito ou operações de mercado direto para os associados.

2. O Surgimento do Cooperativismo: o Filho Econômico Especializado

O cooperativismo é um desdobramento evolutivo e planejado do associativismo. Ele tomou corpo para dar uma resposta econômica direta às falhas de mercado e à exclusão social.

O marco histórico de 1844

Embora iniciativas isoladas já existissem, foi em 1844, na Inglaterra, que os Pioneiros de Rochdale deram um passo técnico e institucional a essa vontade de cooperação. Eles estruturaram o cooperativismo moderno, unindo a força social à eficiência econômica e criando os princípios que norteiam as instituições financeiras cooperativas até hoje.

Diferenciação doutrinária

De acordo com o clássico estudo de Paul Singer em *Introdução à Economia Solidária*, o cooperativismo herda os valores éticos e de solidariedade do associativismo, mas introduz um diferencial crucial: a criação de uma empresa de propriedade coletiva.

Regras próprias

O cooperativismo refinou a herança associativa ao consolidar regras econômicas rígidas: a gestão democrática baseada no princípio "um membro, um voto" (independentemente do capital integralizado), a distribuição proporcional das sobras líquidas de acordo com as operações de cada associado e a constituição de fundos de reserva comunitários.

2.1 A Chegada do Modelo a Porto Novo: a Raiz Comum do Volksverein e da Caixa Rural

A teoria da filiação entre associativismo e cooperativismo encontra em Itapiranga uma comprovação histórica exemplar, na qual "pai" e "filho" nasceram quase do mesmo gesto fundador. O Padre Theodor Amstad, ciente da necessidade de auxiliar os imigrantes alemães e proporcionar-lhes desenvolvimento e bem-estar, fundou em 1912 o Volksverein, associação responsável pela colonização da região, iniciada em 1926. Esse foi o movimento associativo primário: organizar, acolher e dar suporte institucional a uma comunidade recém-formada.

Sabedor de que a prosperidade da colonização dependia também de uma estrutura econômica própria, o mesmo Padre Amstad fundou diversas caixas rurais, destinadas aos agricultores e a todos que desejassem se ajudar mutuamente — a resposta financeira especializada que, como visto, caracteriza o nascimento do cooperativismo a partir do tronco associativo. Em 16 de maio de 1932, numa reunião do Volksverein, discutiu-se a necessidade de fundar uma Caixa Rural em Porto Novo, hoje Itapiranga. Em 21 de outubro de 1932, realizou-se a assembleia de constituição da Caixa Rural União Popular de Porto Novo, na presença de 41 pessoas — origem do Sicoob Creditapiranga, cooperativa de crédito pioneira do estado de Santa Catarina.

A sequência dos fatos confirma, em escala local, a tese central deste artigo: o Volksverein, associação de amparo e organização comunitária, é literalmente o pai institucional que gerou a caixa rural — o filho econômico especializado que, décadas depois, se tornaria o Sicoob Creditapiranga. A mesma lógica que hoje justifica a aproximação entre a ASSEMIT e o Sicoob, através do projeto Sicoob Avança, já estava presente no gesto fundador de Amstad: associativismo e cooperativismo nascendo de uma única vontade de cuidado com o outro.

3. O Distanciamento Histórico entre os Modelos

Apesar de possuírem o mesmo DNA, o amadurecimento dos mercados gerou ruídos na convivência entre "pai e filho".

A visão de mercado das associações

Com o avanço do capitalismo industrial, muitas associações comerciais passaram a pautar suas defesas institucionais estritamente sob a lógica das empresas tradicionais de capital. Em certos momentos históricos, passaram a enxergar as cooperativas com desconfiança regulatória e competitiva.

O isolamento das cooperativas

Por outro lado, como aponta a literatura sobre governança cooperativa — a exemplo dos manuais da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) —, o expressivo crescimento de escala de grandes cooperativas, inclusive de crédito, fez com que algumas se comportassem como corporações financeiras insulares, distanciando-se do diálogo orgânico com as entidades de classe locais que representam o comércio e os serviços. É um paradoxo digno de nota: a mesma Itapiranga que viu

nascer, lado a lado, o Volksverein e a Caixa Rural União Popular precisou, quase um século depois, criar um projeto dedicado especificamente a reaproximar os herdeiros desses dois movimentos.

4. A Reconciliação Familiar através do Projeto Sicoob Avança

Quando o associativismo tradicional (ASSEMIT) e o cooperativismo de crédito (Sicoob Creditapiranga) não se comunicam, a comunidade local sofre com a fragmentação do capital e do conhecimento. O projeto Sicoob Avança cumpre o papel histórico de restabelecer esse vínculo familiar — vínculo que, como demonstrado, remonta diretamente ao Padre Theodor Amstad e à fundação conjunta do Volksverein e da Caixa Rural União Popular de Porto Novo, em 1932.

A complementaridade das funções

O projeto materializa a tese de que o associativismo atua na organização do ecossistema local, engajando a classe empresarial, identificando demandas de mercado e desenvolvendo lideranças com visão de futuro.

O oxigênio financeiro

O cooperativismo entra com a ferramenta de viabilização: o crédito justo e humanizado, garantindo que o valor gerado pelo comércio de Itapiranga permaneça investido e gerando riqueza dentro da própria região.

5. Liderança que Transforma: do Associativismo ao Sicoob Avança

A força do cooperativismo contemporâneo não nasce do acaso, mas dessa evolução histórica fundamentada na coragem e na necessidade de união — do associativismo medieval às guildas estudadas por Putnam, do Volksverein de Amstad à Caixa Rural União Popular, dos Pioneiros de Rochdale ao Sicoob Creditapiranga. Para as lideranças reunidas em Itapiranga, compreender essa trajetória é o alicerce para projetar o futuro no ecossistema do Sicoob Avança.

Hoje, a mesma coragem que moveu os pioneiros no passado é exigida dos líderes do Sicoob Avança. O mercado financeiro exige inovação, velocidade e tecnologia, mas a sustentabilidade do modelo cooperativo depende de manter a essência humana e o foco no desenvolvimento regional. Liderar no Sicoob Avança significa canalizar a ancestral vontade de cooperação para gerar impacto econômico real, transformando o crédito em ferramenta de justiça social e prosperidade para as comunidades.

O encontro em Itapiranga é o momento estratégico de preparação dessa liderança para os novos tempos. O avanço da instituição passa obrigatoriamente pela qualificação de quem conduz o processo, em três frentes:

- **Visão estratégica:** alinhar os valores históricos do cooperativismo com as metas de expansão e eficiência do Sicoob.

- **Protagonismo:** assumir o papel de agentes de mudança, inspirando equipes e cooperados rumo ao crescimento sustentável.
- **Conexão local:** fortalecer o vínculo com a comunidade, garantindo que o Sicoob continue sendo a principal força impulsionadora da economia regional.

Quando associativismo e cooperativismo atuam de forma coordenada, rompe-se o isolamento competitivo. O associativismo prepara o solo através do empreendedorismo e da união de classe, e o cooperativismo irriga esse solo com as soluções econômicas necessárias, consolidando um ciclo completo de desenvolvimento territorial sustentável — exatamente como já o fizeram, em 1912 e 1932, o Volksverein e a Caixa Rural União Popular de Porto Novo, e como hoje se renova na liderança que se forma em Itapiranga.

Fontes e Aprofundamento

Para aprofundamento sobre essa linha de pensamento, conferir os artigos correlatos publicados em www.ainor.com.br:

- **UMA DOCTRINA PRÓPRIA:** Base Sobre a Qual as Cooperativas em Todo o Mundo se Organizam e Operam
- Espírito Empreendedor e Cooperativismo: a Aliança que Nasce de Dentro
- Cooperativismo, Associativismo e Extensão Rural: Caminhos que Transformam Realidades
- Cooperativismo, Associativismo: o Motor da Transformação e o Poder das Organizações Sociais Rurais no Campo Goiano
- O Alicerce da Cooperação: a Humildade como Motor da Participação e da Doutrina Cooperativista
- A Ordem Natural das Forças no Cooperativismo
- Cooperativa Não Tem Donos - Ela É Feita de Donos
- Juntos Somos Mais Fortes, Mas Isso Só Funciona Quando Há Organização

Portal profissional do autor: www.ainor.com.br

Sobre o Autor

Ainor Francisco Lotério é agrônomo, filósofo, teólogo, Diácono Permanente e Mestre em Gestão Pública. Palestrante profissional nas áreas de Cooperativismo, Associativismo, Motivação, Gestão Pública e Agrosófia (filosofia de vida desenvolvida pelo autor integrando agricultura, espiritualidade e humanismo), é autor de obras como *Paixão pelo Cooperativismo* e idealizador da Chácara Agrosófia, em Camboriú (SC). Mais informações em www.ainor.com.br.